

Leite de Vasconcelos e Santos Rocha: reflexos da polémica *Portugália*

Isabel Pereira*

Resumo

O trabalho versa sobre a polémica travada entre Leite de Vasconcelos e os redactores da revista *Portugalia* nos finais do século XIX inícios do século XX. Esta polémica envolveu outros arqueólogos nacionais, nomeadamente Santos Rocha e Martins Sarmiento. São examinados os principais textos e fontes do debate travado.

Résumé

L'article présente la polémique entre Leite de Vasconcelos et les éditeurs de Portugalia pendant les dernières années du XIX^{ème} siècle et le début du XX^{ème}. D'autres archéologues portugais ont aussi participés dans cette polémique, notamment Santos Rocha et Martins Sarmiento. Sont examinés les textes et les documents les plus importants de ce débat.

* Museu de Aveiro

1. Introdução

São conhecidas as difíceis relações de Leite de Vasconcelos com o director e redactores da *Portugalia* – Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso¹.

A polémica desenvolveu-se nos finais do séc. XIX e atingiu o auge nas páginas de *O Archeologo Português* e da *Portugalia* na primeira década do século XX (Vasconcelos, 1906, p. 321-379).

É de observar que as divergências iniciais surgiram por motivos científicos e ideológicos ou, seja, por concepções distintas do Mundo e das Ciências Sociais, nomeadamente da Pré-história. Passaram, depois, facilmente, para o campo pessoal.

A *Portugalia*, na linha da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, privilegia uma orientação antropológica das ciências pré-históricas. Assume-se “como um ARCHIVO NACIONAL de *materiaes para o estudo do povo portuguez*, monographias de inquerito a toda uma collectividade desde as suas origens, considerando o individuo, as raças, os povos, na sua natureza intima e modos de ser, usanças, civilizações, historia ...”. Compromete-se a estudar “... o povo portuguez, medindo-o, classificando-o em series e graphics, separando-o em grupos de determinado aspecto ethnico; recolher-se-hão todas as manifestações da vida popular, de hoje e do passado, especializando as formas e caracteres que naturalmente representam o *typo physico, moral, intellectual* do homem e das povoações que ocupam os nossos valles e serranias.

São postas de lado as manifestações eruditas das sciencias, artes, letras e industrias, embora n'ellas se presintam tonalidades da alma popular...” (Severo, 1899-1903, p. 1-2). Vincula-se, pois, a uma visão antropológica das ciências.

O Archeologo Português tem programa diferente e menos ambicioso. Foi traçado por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1895, p. 1-2). Enunciou manter contactos “... entre os diversos individuos que, por interesse scientifico, ou por mera curiosidade, se occupam das nossas antigualhas, ...”. Seria, pois, uma obra

¹ Cartas de J. L. de Vasconcelos a A. Tomás Pires, 1964, p. 260, nota 589. Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

com recensões bibliográficas, com notícias arqueológicas e artigos de especialistas. Todavia nunca aspirou "... a inserir largas dissertações nas columnas...", tentando, antes, "recolher noticias avulsas, embora abundantes e exactas, das nossas antiguidades, de modo que, ao cabo de alguns annos, esteja nelle um repositorio excellente de elementos para o conhecimento da nossa historia". Era o órgão divulgador do *Museu Ethnographico Portuguez* que, em 1897, passou a denominar-se *Museu Ethnologico Portuguez*. Os objectivos a alcançar seriam essencialmente a recolha de dados e notícias arqueológicas. Objectivos menos ambiciosos que os propostos pela sua grande rival *Portugalia*.

Para a compreensão da profundidade e âmbito do programa exposto pela *Portugalia* urge efectuar uma análise, ainda que ligeira, da sua antecessora a *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* (1890-1898, 5 vols.), órgão de divulgação dos trabalhos da Sociedade Carlos Ribeiro, também ela fundada e animada pelos homens da *Portugalia*.

O texto introdutório e de apresentação é da autoria de Basílio Telles. Em excelente resumo traça a panorâmica do pensamento científico, em geral, e das Ciências Humanas ou Sociais, em particular. Enaltece a importância da realização, em Lisboa, em 1880, da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia, Arqueologia e Pré-História e destaca a viragem ocorrida na formulação das questões das Ciências Sociais e Arqueológicas. Vincula a íntima associação, nas Ciências, do factor natural ao social, "... considerando-os como manifestação, dupla no aspecto, mas única de essencia, da energia plastica de materia" (1890, p. 1-6).

No texto em análise, transparece a influência histórica e filosófica que o desenvolvimento das Ciências Naturais, nomeadamente da Mecânica e da Biologia, exerceram sobre os cientistas e humanistas dos finais do século XIX. Darwin e o seu evolucionismo foram directamente evocados. Basílio Telles era um cidadão culto do seu tempo.

Ao contrário, *O Archeologo Português* não perdeu tempo com orientações políticas, linhas doutrinárias ou filosóficas. O registo das "antiquilhas" e o diálogo entre os cidadãos que com eles contactavam seria a sua principal função.

Passados cem anos, é correcto afirmar que esta falta de programação e humildade tornaram *O Archeologo Português* grande. A riqueza de informação e a sua posterior utilidade no campo de investigação tornaram-no num órgão informativo, ainda hoje, não ultrapassado.

Nessa época trabalhava, na Figueira, intimamente ligada ao Museu, a Sociedade Arqueológica. Procurava enriquecer as colecções do Museu nomeando delegados nas freguesias que contribuissem para a conservação e descoberta do património local. O elevado nível científico atingido e os trabalhos realizados projectaram o grupo de intelectuais figueirenses. Foi fundada em 1898 com o nome de *Sociedade Archeologica da Figueira* e operou com esse nome até 1903, data em que mudou de denominação para *Sociedade Archeologica Santos Rocha*, por proposta do Conselheiro Ferreira Freire, na 8.^a Sessão plenária, e que foi aprovada unanimemente e saudada com prolongada salva de palmas (1904, p. 3-5).

Os trabalhos para a formação da Sociedade começaram em 1897, por iniciativa de Santos Rocha, e a 4 de Fevereiro de 1898 foram os seus estatutos aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa (Fontes, 1955, p. 113). Foram sócios fundadores: António dos Santos Rocha, Francisco Ferreira Loureiro, Frederico

Nogueira de Carvalho, Pedro Fernandez Tomaz, José dos Santos Pereira Jardim, José Maria Luís d'Almeida, Augusto Goltz de Carvalho, António Gonçalves, António Álvares Duarte Silva, Sotero Simões de Oliveira (Pereira, 1986, p. 26-27).

A primeira sessão realizou-se a 19 de Março de 1898. Durante toda a sua vigência, as comunicações de Santos Rocha predominavam em quantidade e qualidade.

Os trabalhos iniciais da Sociedade foram publicados na *Portugalia*. Todavia, esta revista, por necessidade de reduzir o número de páginas de impressão, aliás, segundo o plano que fora traçado pelos fundadores, privou a Sociedade Arqueológica da publicação, na íntegra, dos seus trabalhos. Assim aparece o Boletim da Sociedade.

É, pois, inegável, a ligação dos arqueólogos e investigadores figueirenses aos homens da *Portugalia*.

2. Pistas directas da polémica: epistolário de Santos Rocha

Em Março de 1898, Rocha Peixoto na notícia da dissolução da *Sociedade Carlos Ribeiro* e da conseqüente extinção da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* que precedeu a *Portugalia*, referindo-se a Santos Rocha afirma: "Houve, ainda assim, quem tivesse pelos rapazes uma sympathia affectuosa e excentrica. Como em dia de desespero se lhe notificasse o fecho de obra por carencia irremediavel de meios, quem hoje dirige um museu de provincia, por si organizado, enriquecido e gratuitamente mantido, convidava-nos a prosseguir: deixaria de fumar uns charutos, escrevera o amigo dilecto, mas a SOCIEDADE não se extinguiria!" (Peixoto, 1898, p. 188).

A ligação de Santos Rocha aos homens do Porto nunca foi escamoteada. Com a independência que o caracterizava, em cartas dirigidas a Leite de Vasconcelos, o investigador figueirense afirma, repetidamente, que tem compromissos com a *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* e que a ela destina os textos da pré-história: "Desde já lhe declaro que reservo para O Archeologo as noticias sobre archeologia histórica recolhidas no Algarve; e posto que as relativas à prehistória me sirvam para ajudar tambem a Revista da Sociedade Carlos Ribeiro, cujos directores me têm pedido escriptos sobre essa materia, eu darei ainda a V. Ex.^a um resumo dos trabalhos e alguns desenhos, para que tudo fique registado no seu muito interessante jornal. Chamo-lhe seu porque é a V. Ex.^a que realmente se deve esta excelente publicação".²

Desconhecemos as missivas de Leite de Vasconcelos a Santos Rocha. Todavia é lícito concluir que a relação entre os dois era de cortesia e que os assuntos explanados versavam essencialmente temas científicos.

Na documentação, transparecem pressões de Leite de Vasconcelos. Santos Rocha insiste clarificando: "Apenas estive em Nelas, e bati os arredores. Encontrei vestígios romanos, sobre que estou escrevendo para O Archeologo.

² Cartas de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datadas de 15 de Agosto de 1892; 25 de Fevereiro, 26 de Março e 26 de Outubro de 1895; 25 de Abril de 1896; 20 de Março e 29 de Abril de 1897. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

Do outro lado do Mondego, nas cercanias do Seixo, dei com dois grandes dolmens que estudei. Estavam profanados de antiga e recente data, mas forneceram alguns objectos interessantes.

O estudo sobre estes monumentos, pelos motivos que em tempos lealmente lhe expus, pertencem à *Revista*; e sem ouvir os directores, não poderei dispor deles para outra publicação³.

Com grande descrição, Santos Rocha anuncia as primeiras publicações da Sociedade Arqueológica: “Quanto à Sociedade Archeologica, o am.^o verá a amostra dos trabalhos na ‘Portugalia’, publicada pelos consócios Ricardo Severo e Rocha Peixoto”.⁴

Desde então, os contactos começam a distanciar-se. Até 1903 existem somente cinco cartas. Quatro versam assuntos epigráficos. A última relaciona-se com a classificação de moedas⁵.

Por volta de 1903, agravam-se os ressentimentos. Em postal⁶, Santos Rocha afirma secamente: “Estou na Figueira; e o Museu fica á sua disposição”. Em telegrama posterior prossegue: “Completa liberdade d’acção. Escrevo”⁷. Em carta timbrada datada de 25-02-1904 explica: “Confirmo o meu telegrama, em que dizia ‘completa liberdade de acção’. V. Ex.^a iniciou esta norma desde que em tempos andou na minha região a colligir machados de pedra, que deviam formar as novas colecções. E foi bom, porque nos deixou todos à vontade, com grande vantagem para a ciência, por permitir reverificações, sempre proveitosas.

Em Alcalar só explorámos descobertas novas, e não as assinaladas por Estacio, que aguardam ainda os exploradores. V. Ex.^a não podia reservar para si o desconhecido.

De resto eu creio que há alli para todos os estudiosos, sem que seja necessário guerrearmos: antes devemos applaudir qualquer trabalho que tenda a confirmar ou corrigir as anteriores observações”.

Depreende-se que Leite de Vasconcelos teria ficado perturbado com os achados de Alcalar. Informou, pois, o investigador figueirense que os tinha reservado para si, depois das notícias e registos de Estácio da Veiga.

O assunto não ficou, contudo, encerrado. Em nova carta, Santos Rocha clarifica: “não quiz mal a V. Ex.^a por causa dos machados, nem agora por causa de Alcalar. Já o disse. Devo, porém, declarar que dois machados, que me levaram, eram bem conhecidos e tinham sido offerecidos para o Museu. De resto só invoquei o desconhecimento dos dolmens que explorei, para mostrar que o não prejudiquei.

³ Carta de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datada de 29 de Abril de 1897. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

⁴ Carta de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datada de 6 de Julho de 1898. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

⁵ Cartas de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datadas de 9 e 11 de Dezembro de 1898; 12 de Fevereiro de 1899; 24 de Agosto e 5 de Setembro de 1900; 5 de Julho de 1903. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

⁶ Bilhete postal de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datado de 15 de Outubro de 1903. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

⁷ Telegrama de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datado de 24 de Fevereiro de 1904. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

Se prometti a V. Ex.^a alguma collecção regional, devia ter-mo lembrado. Tenho dado para o Museu do Porto: tambem teria mandado para o seu Museu. Entretanto d'aqui em diante separarei alguma cousa para si"⁸.

Nas cartas posteriores a relação cordial parece restabelecida⁹. Em missiva datada de 16-04-1907, Santos Rocha refere a sua visita ao Museu de Belém: "Fui a Lisboa por dois dias, inesperadamente, sem contar com a minha visita a Belém. Eis porque nada lhe disse.

Vi no seu Museu um material consideravel. Creio que é já bastante para guarnecer um Museu de primeira ordem, honrando o paiz e os esforços intelligentes de V. Ex.^a.

Mas noto lealmente que a organização me deixou alguma cousa a desejar. Eu exporia no pavimento baixo o medieval e o romano, assim como os objectos muito pezados da proto-historia ou prehistoria, tudo separado ou dividido em secções, arabe, vizigottica, romana, etc. Passaria o mobiliário prehistorico para o pavimento superior, tambem dividido em secções, paleolitico, neolitico, cobre, bronze, 1.^a e 2.^a idades do ferro. Ligeiras divisorias *separariam* as secções.

Como está, o Museu é para sabios, e não para estudiosos".

Leite de Vasconcelos anota: "Não compreendeu a divisão. Respondi e expliquei".

Para a história da Museologia, é lamentável que não conheçamos o texto da resposta.

3. Pistas indirectas da polémica: epistolário de Mesquita de Figueiredo

Pelos técnicos do Museu Nacional de Arqueologia foram compulsados, no legado Leite de Vasconcelos, inúmeros documentos respeitantes à polémica *Portugalia*.

Contam-se cartas de Mesquita de Figueiredo, de Gabriel Pereira, de António José de Pinho Júnior e de Francisco Tavares de Proença Júnior. Todos amigos e apoiantes incondicionais de Leite de Vasconcelos. Para o desenvolvimento do tema em estudo, utilizaremos as assinadas por Mesquita de Figueiredo¹⁰.

Mesquita de Figueiredo nasceu em Lisboa em 1880 e faleceu na Figueira da Foz em 1954. Participou com Santos Rocha em trabalhos arqueológicos, na

⁸ Carta de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datada de 19 de Abril de 1904. Timbre da Câmara Municipal da Figueira da Foz. Gabinete do Presidente. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

⁹ Cartas de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datadas de 5 de Maio de 1904; 16 e 20 de Abril de 1907; 8, 11, 13, 17 e 22 de Janeiro, 25 de Fevereiro de 1909. Bilhete postal de A. S. Rocha a J. L. de Vasconcelos datado (carimbo do correio) de 4 de Março de 1909. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

¹⁰ Cartas de António Mesquita de Figueiredo a J. L. de Vasconcelos datadas de 12 de Agosto de 1898; 31 de Março, 16 de Setembro, 8 e 19 de Abril e de 17 a 22 de Junho de 1899. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

região da Figueira da Foz. Foi um grande amigo do Museu Municipal e a ele legou as suas colecções arqueológicas e etnográficas. À Biblioteca legou os seus livros, trabalhos manuscritos e outros documentos.

Embora muito jovem, com apenas 19 anos, era amigo incondicional e visita de casa de Leite de Vasconcelos. Na análise dos documentos é justo relevar a intemperança de linguagem usada, própria da juventude. Mesquita e Leite de Vasconcelos foram amigos inabaláveis até 1908. Posteriormente os desentendimentos surgiram.

Do exame do epistolário conclui-se da preocupação de Leite de Vasconcelos relacionada com a ligação e colaboração dos intelectuais figueirense à *Portugalia*.

Mesquita foi um elo de informação importante referente às posições defendidas pelos arqueólogos residentes na zona da Figueira da Foz. É certo que Leite de Vasconcelos não as solicitava mas também não as rejeitava.

As insistentes notícias e comentários de Mesquita de Figueiredo em nada abonaram em favor da estabilização do conflito. Antes, pelo contrário, agudizaram-no.

Em carta datada de 13-08-1898, da Figueira da Foz, Mesquita de Figueiredo comenta que "Lavra por aqui grande entusiasmo pela proxima publicação da *Portugalia*, revista de largo fucturo e escolhida collaboração; entre os collaboradores avulta o P. Belchior, P. Fernandes Tomás, como *ethnographos*, Adolpho Coelho...".

Em outra carta iniciada a 31-03-1899, continuada a 4-04-1899 e concluída a 6-09-1899, de Lisboa, Mesquita tece considerações sobre o ambiente arqueológico vivido na Figueira da Foz e tece comentários relativos à *Portugalia* só possíveis a quem conheça os desentendimentos existentes.

A 31 de Março de 1899 comenta que "Estão presentemente em Lisbôa onde vieram passar as ferias o Pedro Fernandez Thomaz e o Cruz. O Rocha vai para o estrangeiro. Itália e França em Maio, levando este mez a estudar na Italia e passando o mez de Junho em Paris.

Tem pois um companheiro nesse mez. Tambem partiu para Italia e França o dr. Mascaro. Da *Portugalia* diz-se que sahi brevemente – e junto lhe remetto um § do Século d'um destes dias sobre o caso. Pelo que diz ao Papá no seu postal de Madrid, e pelo que já me havia dito, vejo que anda bastante desanimado com a archeologia. Não desanime, visto que não ha incompatibilidade, nos estudos linguisticos e archeologicos, e porque alem disso afrouxar *agora*, isto é abandonar o campo de batalha é confessar-se vencido, ou pelo menos parecelo, o que não é verdade". Na continuação da mesma carta, com a data de 4-04-99, Mesquita de Figueiredo informa: "Vi já um prospecto da *Portugalia* – o preço de cada fascículo é de 1000 rs! i. é quasi o de um anno do Archeologo! Acho curioso o seguinte: no programa dos estudos a publicar ha 3 secções – 1.º de *Paletnologia* – 2.º de *Antropologia* e 3.º de *Antropologia* – com os §§ das duas ultimas conformome – mas nos da 1.ª é que ha raia grauda, visto que incluye nelle o estudo da archeologia romana, juntamente com a prehistoria e protohistória, termo que elles não usam. Ora o termo *Paletnologia* – é usado pela *escola de Mortillet* para designar o estudo das origens e desenvolvimento da humanidade fora dos documentos históricos (Prehistorique, p. 16) logo ha aqui *defeciencia*. Neste mesmo sentido, i. é no que lhe dá Mortillet, já usaram delle E. da Veiga, e Santos Rocha, no livro do qual vem no alto do frontispício = *Paletnologia e Arche. His*".

Na mesma carta, a 16-09-99, acrescenta: “No Seculo de hoje vem um pequeno artigo que tambem lhe mando, pelo qual sei que já sahii a decantada revista Portugalia mas eu ainda não logrei ve-la”. Em *post-scriptum*, acrescenta: “Vem hoje um anuncio no Seculo da Portugalia, em que vem o summario do 1.º fasc. que é o seguinte: Memorias sobre a arte mycenica na Península, monumentos prehistóricos de inumação, antropologia do Minho, pedagogia popular, habitação nacional e da propriedade em Portugal sob os dominios romano e wisigothico, etc. 176 ps e 76 ilustrações!! ainda não vi, isto é pelo anuncio, ha accrescentar ainda revista bibliographica peninsular, movimento scientifico nacional etc.

Não sei se já viu por aí a Portugalia no entanto vou-o informar do seu conteúdo visto que já a vi hoje por alto na Bertrand. Abre com artigo do Sarmento sobre a arte micenica na peninsula. Segue-lhe um artigo do Rocha sobre os dolmens da Beira, do Fonseca Cardoso sobre antropologia do Minho, e do Rocha Peixoto sobre habitações da Cova de Lavos, etc. do Adolpho Coelho sobre a pedagogia popular. Na secção bibliographica, vem apreciados entre outros livros as Religiões, pelo R. Severo – dizendo no fim que se não podem separar o estudo das religiões dos outros estudos da prehistoria etc. Na secção da necrologia vem o retrato de Mortillet dizendo que os franceses o apreciavam mal, porque elle era profundo em prehistoria, e nenhum frances e profundo em coisa alguma. Entre outros artigos vem um com uma estampa do muito fallado *Jupiter, pômo de discordia* entre o Sul e o Norte. Mas nem o successo é grande com as photogravuras, algumas das quaes são inferiores as do Branco e Negro, nem o jornal me parece muito *scientifico* – predominam nelle assumptos provenientes de duas origens, que nós conhecemos – graça no Sarmento, e glória às suas theorias! Buarcos, Figueira e Cova de Lavos etc. i. é a Sociedade enche grande parte do jornal. Sem Sociedade onde iriam buscar artigos? Ainda assim alguns parecem-me deslocados em semelhante jornal. Eis em resumo o que eu lhe posso diser de uma simples vista que passei por esta revista, que é assumpto quasi por completo desta carta”.

Em outra carta, datada de Lisboa de 08-04-1899, e continuada sucessivamente até 19-04-1899 Mesquita comenta: “Aqui lhe volto a falar novamente da Portugalia. Estou certo que, pela publicação do retracto de Mortillet, e biographia, terminando por uma phrase do *eminente* Professor *Capitan* esta revista terá pouco êxito em alguns centros archeológicos adversos ao finado professor”...

“Ultimamente não tem havido novidades no campo archeologico – houve sessão da Sociedade da Figueira, a que assistiram os *três ratos* do Porto. Elles são alumnos convictos da Escola de Mortillet, citando até o Fonseca Cardoso no seu artigo de anthropologia *A Formation de la Nation Française* – isto lhes ha-de fazer crear adversarios, como já lhe disse na minha ultima carta ou n’esta no princípio. O Sarmento tem estado às portas da morte, parece que agora felizmente vae bem. Sahiu o relatório do 1.º anno da Soc. Arch. da Fig. vem interessante, e é feito pelo Rocha”. Continua, mais à frente, “Que goze bastante e o que eu lhe desejo, e que venha com força, para a lucta *do norte contra o sul*”.

No final da carta (19.04.99) comenta: “Não notou na Portugalia grande predominancia da Figueira e do Sarmento?”.

Noutra longa carta, de Lisboa, iniciada a 17-06-1899, continuada a 20-06 e terminada a 22-06-99, Mesquita comenta que “Se o Severo anda escrevendo aos

colaboradores do Archeologo, não acho isso nada correcto, porque elles de resto não consideram o archeologo como uma Revista scientifica, mas sim somente como um jornal de notícias leves – de resto p.^a. que querem elles artigos se o jornal só se publicará de séculos a séculos? Agora com respeito ao Museu creio que nada mais se fará visto que elles dizem que não ha dinheiro – O archeologo tambem se não sabe quando se publicará – estamos já em fins de Junho e ainda não sahiram os últimos dois números do anno passado – está pois muito atrasado – acelerando a publicação o que é impossivel na imprensa por haver muito que fazer e poucos operários leva o Meu Amigo muito trabalho com isso – Quando sahirá o segundo volume das Religiões?! e o seu mirandês? Eu escrevi ao Severo pedindo-lhe separatas e elle concedeu-me o que lhe pedi, e veio-me dar parte disso a minha casa visto que estava em Lisbôa – eu porem *nada mais tenbo com elles*. E o Santos Rocha já chegou a Paris? Não faltará elle agora a fallar por aqui na sua *viagem d'estudo*. Nos arredores da Figueira ja nada ha mais para explorar parece que agora se vão fazer algumas explorações por *esse Portugal fora em regressando o Rocha*".

Em *post-scriptum* Mesquita termina: "O Santos Rocha segundo as últimas notícias estava em Genebra a estudar as collecções lacustres e antropologicas".

4. Santos Rocha nos principais textos da polémica

O clima de desconfiança até então gerado, os textos dispersos com alusões directas atingindo os principais intervenientes, as tensões criadas por cartas de amigos, as recensões críticas implacáveis de uma das partes e a omissão provocatória de outra contribuíram para o agravamento da tensão.

Os principais textos da polémica são cinco.

Dois tratam de recensões críticas, em *Portugalia*, ambos da autoria de Ricardo Severo, visando a obra de Leite de Vasconcelos *As Religiões da Lusitania* (vols. I e II).

O terceiro, também recensão crítica, de autoria de Ricardo Severo, visa um trabalho de J. Leite de Vasconcelos *Ensaio Ethnographicos* (Severo, 1899-1903, p. 172-173; 292-294).

José Leite de Vasconcelos, ostensivamente, sempre desconheceu a existência de *Portugalia*. Só ao fim de oito anos, em 1906, quando já irritado com as irreverências do norte, elaborou a recensão crítica de toda a revista, analisando artigo a artigo (Vasconcelos, 1906, p. 321-379).

A resposta nortenha não se fez esperar. Rocha Peixoto, em 1907, assina um texto, duro, frio, contundente de réplica a Leite de Vasconcelos (Peixoto, 1907, p. 492-A a 492-S).

Santos Rocha foi então directamente envolvido na polémica. Vejamos os textos.

Leite de Vasconcelos na recensão crítica de *Portugalia*, em 1906, escreve: "No artigo da pp. 122-123, tambem de Rocha Peixoto, diz este, depois de se referir aos trabalhos emprehendidos pela Sociedade Archeologica Lusitana nos meados do sec. XIX: «Tirando isto a que se reduzem os grandes trabalhos de exploração archeologica entre nós? Officialmente é ainda a Commissão dos Trabalhos Geologicos quem tem as palmas na extensão, precisão, methodo e

alcance dos seus magníficos serviços á prehistoria do país. *É fóra da sua benéfica alçada, da sua tradição excelsa e do seu preduravel exemplo, só na iniciativa individual encontramos os impulsos do mais relevante destaque.* E passa depois a enumerar summariamente o que a archeologia deve as bolsas de Martins Sarmiento e Santos Rocha. Sem dúvida são grandes, são brilhantísimos, os serviços prestados à prehistoria portuguesa pela Comissão Geologica; e não serei eu quem os negue, pois já os assinaei nas Religiões da Lusitania, I, 3-11. Também não regatarei louvores aos dois archeologos citados, senão estaria em contradição com o que a respeito do valor geral dos seus trabalhos escrevi na mesma obra I, 10, no *O Arch. Port.*, VI, 30".

O texto de L. Vasconcelos enumera, de seguida, instituições e personalidades esquecidas por Peixoto que ombreiam com Sarmiento e Santos Rocha, nomeadamente os "trabalhos executados em todo o país pelo pessoal do Museu Ethnologico" (Vasconcelos, 1906, p. 356).

Na resposta, em 1907, Rocha Peixoto argumenta: "Adeante outra nota lhe enseja um claro ardid. Alludira, quem isto escreve, aos grandes trabalhos de exploração archeologica entre nós, fazendo avultar os de Martins Sarmiento e Santos Rocha, individualidades que em Portugal dispenderam, excavações, e pagando as suas obras, numerosos contos de réis das suas fortunas pessoais. E rematava-se dizendo que, sem menospreço pelos que não podem attingir a obra e o dispendio extraordinarios d'estas duas figuras, ellas são, por isso mesmo, (quer queira ou não queira o sr. Leite) proeminentes em Portugal (Portugalia, II, 123). O sr. Leite de Vasconcellos, cortando por onde convinha, com a lealdade que vamos apontando aos seus futuros biographos, fez avultar a minha injustiça não citando outros archeologos (p. 356) varios dos quaes, por signal, nossos amigos! Sem accentuar que se tratava das *grandes explorações archeologicas custeadas pelos proprios investigadores*, quem quer justamente se sentiria hostilizado da nossa banda. A manobra é, a um tempo, transparente e perfida, filiando-se, ostensivamente, na phobia já antiga d'este systematico e allucinado calumniador da *Portugalia*" (Peixoto, 1907, p. 492-j).

Mais à frente, continua Rocha Peixoto: "Resta n'este articulado, por agora, a apreciação d'uma outra faceta do sr. J. Vasconcellos na qual, mais uma vez estou a vêr com dolorida mágoa a inspecção perscrutadora dos seus futuros panegyristas. Ainda a proposito das grandes explorações archeologicas em Portugal, como a Citania de Briteira ou a Bacia do Baixo Mondelo, repare o sr. Leite que não se alludisse, na respectiva noticia aos serviços do Museu ethnologico. Se bem que a necessaria propaganda esteja em boa mão e o sr. J. Leite não conheça fadiga em proclamar as suas riquezas magnificas, a verdade é que, atravez do *Archeologo* estalão aferidor d'esse importante instituto, não se colhe ensinamento ácerca d'uma exploração similar às que designo" (Peixoto, 1907, p. 492-O).

5. Conclusões

Da análise dos documentos é lícito concluir que a polémica foi gerada por concepções distintas das Ciências Humanas e Archeológicas, do Mundo, da Vida e da postura interveniente e crítica do Homem enquanto ser livre e pensante.

As diferenças conceptuais foram, aliás, frequentemente vincadas. Para os cientistas da *Portugalia*, *O Archeologo* era considerado uma revista noticiosa não científica. Não tinha programa coerente e faltava-lhe suporte científico de acção.

Paralelamente, o projecto *Portugalia* colidia com os interesses de Leite de Vasconcelos, associados ao nascimento do Museu de Belém – *Museu Ethnographico Portuguez* depois *Museu Ethnológico Portuguez* – cujo programa, enunciado no decreto da fundação, aponta-o como uma instituição “onde esteja representada a parte material da vida de um povo, as suas indústrias, os seus tra-jes e os seus usos...”¹¹.

O certo é que, a exemplo de outras polémicas travadas no séc. XIX, o debate e a crítica facilmente transpuseram a área científica e atingiram o campo pessoal. Tratou-se, em traços largos, de uma contenda ora científica ora pessoal que opôs o *norte ao sul* e que envolveu directa ou indirectamente os arqueólogos portugueses mais eminentes.

Com o núcleo duro do Porto estavam Martins Sarmiento e os mais destacados membros da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, incluindo Santos Rocha.

Todavia, Santos Rocha sempre considerou Leite de Vasconcelos. Tratou-o com lealdade, cortesia e respeito. Nunca omitiu a sua ligação com o Porto. Informou-o do seu programa científico. Reservara para a revista do Porto os escritos pré-históricos enquanto que os históricos pertenceriam a *O Archeologo*. Entendamos Revista do Porto a referência concreta à *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*.

Com um plano publicitário invejável a *Portugalia*, substituta da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vai sendo anunciada em jornais de circulação nacional, nomeadamente em *O Século*. Leite de Vasconcelos, em viagem ao estrangeiro, mostra-se desanimado e evidencia algum cansaço e nervosismo. A pressão, directa e indirecta, mas continuada, exercida pelos intelectuais do Porto, parece não ter sido gratuita. O jovem figueirense, Mesquita de Figueiredo, aconselhava-o a não claudicar.

No primeiro número da *Portugalia*, 1899, é relevante a participação de Martins Sarmiento e dos homens da Figueira, nomeadamente de Francisco Loureiro, Pedro Fernandes Thomaz, Santos Rocha e Francisco Gil. O jovem Mesquita comenta o facto com Leite de Vasconcelos, nas missivas amigáveis que lhe eram endereçadas.

O apoio crescente da Sociedade Arqueológica à *Portugalia* e a disponibilidade desta para publicar, de início, os trabalhos científicos da Sociedade intranquilizaram Leite de Vasconcelos e potencializaram o agravamento do frágil equilíbrio até então sustentado. Em carta datada de 25-02-1904 Santos Rocha, educadamente, mas com veemência, critica a acção de Leite, na Figueira. Não deixa, contudo, que as relações cordiais, até à data existentes, se deteorem irremediavelmente. O polimento e entendimento directo e frontal dos dois arqueólogos contribuíram para a resolução da delicada situação.

¹¹ Portugal, Ministério das Obras Públicas, Commercio e Industria: Secretaria Geral. Diário do Governo de 22 de Dezembro de 1893, n.º 290.

¹² Carta de António José Pinho a J. L. de Vasconcelos datada de 6 de Março de 1906. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

Pese embora todos os esforços, Santos Rocha e a Sociedade foram envolvidas directamente na polémica. Martins Sarmiento também não passou despercebido. Nos dois textos mais duros do confronto Santos Rocha e Sarmiento foram sempre elogiosamente referidos. Uma e outra parte não desmereceram os esforços e trabalhos científicos produzidos pelos dois investigadores.

Relativamente ao sucesso da *Portugalia*, António José de Pinho Júnior, amigo incondicional de Leite de Vasconcelos, resume-o magistralmente ao afirmar: "... hoje, o bom aspecto dos trabalhos literários determina mais de 50% dos compradores. Metade do sucesso da *Portugalia* disso lhe advem, na minha opinião"¹².

Noutro documento refere a alta qualidade literária da revista contrapondo-a a *O Archeologo*¹³.

Rivais e com filosofias diferentes, com programas diferentes, com homens diferentes, com intervenções diferentes, com formatos diferentes, com forma literária diferente as duas publicações – *O Archeologo Português* e a *Portugalia* – completam-se. Ambas documentam as correntes do pensamento e a evolução das Ciências Sociais e Arqueológicas em Portugal, nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX.

Bibliografia

- FONTES, J. (1955) – O Dr. Santos Rocha e a Arqueologia portuguesa. *Arqueologia e História*. Lisboa. S. 8. 6, p. 113. Separata.
- PEIXOTO, R. (1898) – A Sociedade Carlos Ribeiro: notula historica. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Porto. 5, p. 188.
- PEIXOTO, R. (1907) – Bibliographia. *Portugalia*. Suplemento. Porto. t. 2. 3, p. 492-A-492-S, 292-J.
- PEREIRA, I. (1986) – *Museu Municipal: notícia histórica*. Figueira da Foz. p. 26-27.
- SEVERO, R. (1899-1903) – Bibliographia. *Portugalia*. Porto. t. 1. 1-4, p. 172-173. t. 2. 2, p. 292-294.
- SEVERO, R. (1899-1903) – Prospecto. *Portugalia*. Porto. t. 1. 1-4, p. 1-2.
- TELLES, B. (1890) – Introdução. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Porto. vol. 1, p. 1-6.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1895) – Palavras prévias. *O Archeólogo Português*. Lisboa. vol. 1, p. 1-2.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1906) – Bibliografia. *O Archeólogo Português*. Lisboa. vol. 11, p. 321-379.

¹³ Carta de A. J. Pinho a J. L. de Vasconcelos datada de 31 de Maio de 1906. Museu Nacional de Arqueologia. Epistolário. Legado Leite de Vasconcelos.

